



Uniube

UNIVERSIDADE DE UBERABA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOCENTE PARA
A EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO PROFISSIONAL

CARLOS EDUARDO DA SILVA

**A EDUCAÇÃO PLATÔNICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CATEQUESE
LIBERTADORA: UMA RELEITURA FILOSÓFICO-PEDAGÓGICA DA
ALEGORIA DA CAVERNA**

UBERLÂNDIA
2018

CARLOS EDUARDO DA SILVA

**A EDUCAÇÃO PLATÔNICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CATEQUESE
LIBERTADORA: UMA RELEITURA FILOSÓFICO-PEDAGÓGICA DA
ALEGORIA DA CAVERNA**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação:
Formação Docente para a Educação Básica da Universidade de
Uberaba, curso de Mestrado Profissional, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista.

Linha de Pesquisa: Educação Básica – Fundamentos e
Planejamento.

Área de Concentração: Educação.

UBERLÂNDIA
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

SILVA, Carlos Eduardo da
41p. A Educação Platônica e suas contribuições para a Catequese Libertadora: uma releitura filosófico-pedagógica da Alegoria da Caverna.
Carlos Eduardo da Silva – Uberlândia (MG), 2018.

41f.; iL.

Artigo (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação em Educação: Formação Docente para a Educação Básica. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista.

1. Educação Platônica. 2. Catequese Libertadora. 3. Educação e Libertação.

Carlos Eduardo da Silva

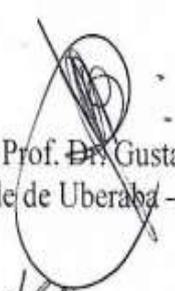
CARLOS EDUARDO DA SILVA

**A EDUCAÇÃO PLATÔNICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CATEQUESE
LIBERTADORA: UMA RELEITURA FILOSÓFICO-PEDAGÓGICA DA
ALEGORIA DA CAVERNA**

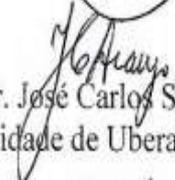
Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação:
Formação Docente para a Educação Básica da Universidade de
Uberaba, curso de Mestrado Profissional, como requisito final
para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: 23 de fevereiro de 2018.

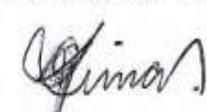
Banca Examinadora:



Orientador: Prof. ~~Dr.~~ Gustavo Araújo Batista.
Universidade de Uberaba – UNIUBE



Prof. Dr. José Carlos Sousa Araújo.
Universidade de Uberaba – UNIUBE



Prof. Dr. Geraldo Gonçalves de Lima.
Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM

AGRADECIMENTOS

Este artigo é resultado de pesquisas, cujos projetos contam com o apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), ao qual se expressa gratidão pela confiança depositada nos trabalhos propostos.

Direciona-se também gratidão à UNIUBE (Universidade de Uberaba) e ao Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista, orientador deste artigo, pela diligência constante em prol de sua concretização e do desenvolvimento deste Programa de Mestrado Profissional.

Em suma, a todos aqueles que, direta ou indireta, clara ou veladamente, contribuíram para esta conquista no “Mestrado Profissional em Educação: Formação Docente para a Educação Básica”, meus agradecimentos. A cada um, me dobro, em sincero reconhecimento!

RESUMO

Platão desenvolveu um minucioso processo educacional visando, sobretudo, à formação do governante. A essência deste pensamento se encontra no livro sétimo da obra *A República*, a afamada *Alegoria da Caverna*. Este ideário pedagógico, que consta de cinco etapas, encerra o itinerário que o candidato a rei-filósofo deveria percorrer até alcançar o governo da Cidade Modelo. A saber, as cinco etapas são: desde tenra infância até 17/18 anos, educação lúdica; dos 17/18 até os 20, educação por meio da ginástica; dos 20 até os 30, educação militar e intelectual com a inserção das matemáticas; dos 30 até os 35, educação dialética; dos 35 até os 50, educação militar e filosófica, sendo a última, sincronicamente, matemática e dialética. Uma vez contemplada a ideia do Sumo Bem, por intermédio da Filosofia, o rei-filósofo governaria com justiça, trazendo felicidade a todos os habitantes da Cidade Modelo. Na sequência, fazemos exposição acerca da Catequese. Por esta, entende-se o processo de educação na fé que, de maneira encarnada e racionalmente compreendida, faça a Palavra de Deus ressoar no hoje da vida do catequizando (educando em espaços não escolares). Seu objeto é a História da Salvação na íntegra. Dentre os vários métodos utilizados, quatro apresentam-se mais caros na educação catequética: 1) interação entre fé e vida; 2) indutivo e dedutivo; 3) trabalho em grupo; 4) ver-julgar-agir. Destarte, a Catequese tem por objetivo a maturidade na fé, a qual, exige compromisso pessoal e comunitário, em prol da libertação integral do ser humano. Isto nos leva à concepção de Catequese Libertadora, por meio da qual a criança, adolescente ou adulto recebe os conhecimentos religiosos, agregando a esses, vários conteúdos do vasto conhecimento humano, que contribuam com a transformação, tanto da pessoa quanto da sociedade em que se está imersa. Prossequindo, abordamos sobre o processo educacional platônico, objetivando destacar do mesmo, diversos elementos que possam potencializar a Catequese Libertadora. Para tal finalidade, utilizamos o método de pesquisa bibliográfica e análise documental, servindo-nos como baluarte teórico de autores como Abbagnano (2007), Paviani (2008), Platão (1997), CNBB (2016), dentre outros. Desta forma, constatamos que a pedagogia platônica apresenta vários elementos que podem ser tomados como importantes contributos para o processo catequético libertador. Tal processo objetiva contribuir com a formação dos catequistas (educadores em espaços não escolares) da cidade de Varjão de Minas-MG, onde, a maior parte dos catequizandos, também frequentam o ensino básico escolar, para o qual, a partir do suporte catequético libertador recebido, serão devolvidos muito mais inteligentes, inovadores e críticos, frente à realidade que os circunda.

Palavras-chave: Educação. Libertação. Platão. Catequese.

ABSTRACT

Plato developed a meticulous educational process aiming, above all, the formation of the ruler. The essence of this thought is found in the seventh book of *The Republic*, the famed Allegory of the Cave. This pedagogical ideology, which consists of five stages, closes the itinerary that the candidate to king-philosopher should go through until he reaches the government of the Model City. The five stages are: from early childhood to 17/18 years, play education; from 17/18 to 20, education through gymnastics; 20 to 30, military and intellectual education with the insertion of mathematics; from 30 to 35, dialectic education; from 35 to 50, military and philosophical education, the latter being, synchronically, mathematical and dialectical. Once contemplated the idea of the Supreme Good, through Philosophy, the philosopher-king would rule with justice, bringing happiness to all inhabitants of the Model City. In the sequence, we explain about Catechesis. This is the process of education in faith, which, in an incarnated and rationally understood way, makes the Word of God resonate in today's life of the catechizing (educating in non-school spaces). Its object is the History of Salvation in its entirety. Among the various methods used, four are more expensive in catechetical education: 1) interaction between faith and life; 2) inductive and deductive; 3) group work; 4) see-judge-act. Catechesis aims at maturity in the faith, which requires personal and community commitment, for the liberation of the whole human being. This leads us to the concept of Liberating Catechesis, through which the child, adolescent or adult receives the religious knowledge, adding to them, various contents of the vast human knowledge that contribute to the transformation of both the person and the society in which it is immersed. We continue with the Platonic educational process, with the aim of highlighting several elements that can enhance the Liberating Catechesis. For this purpose, we used the method of bibliographical research and documentary analysis, serving as a theoretical bulwark of authors such as Abbagnano (2007), Paviani (2008), Plato (1997), CNBB (2016), among others. In this way, we find that Plato's pedagogy presents several elements that can be taken as important contributions to the liberating catechetical process. This process aims to contribute to the formation of catechists (educators in non-school spaces) in the city of Varjão de Minas-MG, where most catechizers also attend basic school education. For which, from the liberating catechetical support received, returning much more intelligent, innovative and critical, facing the reality that surrounds them.

Keywords: Education. Release. Plato. Catechism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDC – Código de Direito Canônico.

CIC – Catecismo da Igreja Católica.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

CNBB NE II – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Nordeste II.

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

CR – Catequese Renovada.

DA – Documento de Aparecida.

DNC – Diretório Nacional de Catequese.

DV – Constituição Dogmática *Dei Verbum (Palavra de Deus)*.

EaD – Ensino a Distância.

FR – Carta Encíclica *Fides et Ratio (Fé e Razão)*.

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes (Alegrias e Esperanças)*.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

MG – Minas Gerais.

TEB – Bíblia Tradução Ecumênica.

UNIUBE – Universidade de Uberaba.

SUMÁRIO

MEMORIAL: CONTEXTO E MOTIVAÇÕES	09
ARTIGO	15
RESUMO.....	15
ABSTRACT	15
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
EDUCAÇÃO PLATÔNICA	16
CATEQUESE E LIBERTAÇÃO	24
A EDUCAÇÃO PLATÔNICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA CATEQUESE LIBERTADORA.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE	40

MEMORIAL: CONTEXTO E MOTIVAÇÕES

Neste memorial, faremos uma exposição acerca do contexto que foi o ponto de partida para a elaboração do presente artigo. Conhecer a realidade que o inspirou e o alavancou, joga fortes luzes sobre todas as questões abordadas ao longo de seu processo de desenvolvimento.

A cidade que serviu como marco inicial para o artigo é ainda muito jovem, mais precisamente, com 22 anos de emancipação. Em 1995, o distrito de Varjão de Minas, na região Noroeste do Estado de Minas Gerais, pertencente à cidade de São Gonçalo do Abaeté-MG, foi elevado à categoria de cidade.¹ Desde seu início, era promissora sua vocação, pois está rodeada de terras férteis e águas abundantes, propiciando, desta forma, a instalação e o desenvolvimento de grandes fazendas produtoras de soja, café, feijão, e, sobretudo, possibilitando a presença de várias granjas de suínos, bem como a criação de gado leiteiro e de corte.

Ainda nos seus arredores, Varjão de Minas conta com uma importante empresa calcária e uma gigantesca usina de açúcar, de álcool e de eletricidade, grandes empregadoras na região. Todas existentes e vigorosas até os dias atuais e com capacidade para absorver toda a mão de obra braçal e especializada existente, não só na cidade, mas de toda a região.

Como mencionamos, emprego não é uma grande problemática de Varjão de Minas, pois a demanda por mão de obra na cidade é muito maior do que sua capacidade de suprir as necessidades de seus imponentes fazendeiros e empresários. Mesmo num momento de profunda recessão como vivemos no Brasil, na pior crise já registrada na história de nosso povo, o impacto negativo dessa crise é muito menor em Varjão de Minas do que na maioria das cidades do país. Pois, ainda que o contexto nacional seja de péssimas perspectivas, sobretudo, no que tange à política e à economia, a cidade em questão sofre baixos níveis de desemprego, se comparada com o restante do país.

A facilidade e a comodidade da vasta gama de empregos oferecidos na cidade possibilitaram um considerável desenvolvimento comercial da pequena Varjão de Minas, superando em todos os aspectos, a cidade da qual pertencia – São Gonçalo do Abaeté.

¹ Apresentamos aqui alguns dados concernentes à cidade de Varjão de Minas no estado de Minas Gerais: “Os habitantes se chamam varjonenses. O município se estende por 651,6 Km² [...]. A densidade demográfica é de 9,3 habitantes por Km² no território do município. Vizinho dos municípios de Presidente Olegário e São Gonçalo do Abaeté, Varjão de Minas se situa a 56 Km a Norte-Leste de Patos de Minas a maior cidade nos arredores [...]” Estes e outros dados podem ser conferidos em: CIDADE-BRASIL. Município de Varjão de Minas. 2017. Disponível em: <http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-varjao-de-minas.html>. Acesso em: 28 dez. 2017.

Todavia, este contexto acabou por gerar uma mentalidade de pouco interesse pela questão acadêmica, mesmo estando, geograficamente, numa posição privilegiada quanto à oferta de conhecimento, sobretudo, no que tange à educação em nível superior. Isso porque, a mesma se encontra na região Noroeste do Estado de Minas Gerais, às margens da BR 365, via que possibilita acesso a importantes centros de ensino, tanto básico quanto superior, em cidades como Belo Horizonte, Brasília, Uberlândia, Uberaba, Patos de Minas, Rio Paranaíba, Patrocínio, Monte Carmelo e outras de menor expressão, mas com respeitáveis instituições educacionais.

Mesmo a nova geração de habitantes da cidade, constituída por nativos da região e inúmeros imigrantes que vieram, de modo especial, do norte de Minas Gerais e do nordeste brasileiro, pouco se vislumbram, quando o assunto é o desenvolvimento acadêmico, ou seja, a obtenção de qualificação educacional. A passos muito vagarosos, percebe-se um início de caminhada na busca de formação mais aprofundada. Todavia, algumas iniciativas por parte da sociedade já começam a render seus primeiros frutos, possibilitando que alunos e alunas de Varjão de Minas possam ter acesso, sobremaneira, ao Ensino Superior, seja pela modalidade EaD (Ensino a Distância), seja fazendo com que os alunos cheguem até as instituições das cidades no entorno.

A grande gama de empregos assalariados (girando a maioria em torno do salário mínimo nacional) oferecidos na cidade, acaba se tornando um facilitador para que alunos e alunas da educação básica escolar, encerrem, nesse ciclo, sua jornada na busca de conhecimento sistemático. Percebe-se, por vezes, uma acomodação com a situação vigente, na qual, rapazes e moças, muito precocemente, adentram-se numa vida matrimonial, sem grandes perspectivas, visando obter um nível simplório de vida, mantida pelos salários recebidos por ambos. Isto gera uma estagnação, pois com a chegada dos filhos piora ainda mais a possibilidade de formação acadêmica, visto que as exigências familiares acabam por sugar, praticamente, todo o empenho dos cônjuges.

Tal mentalidade, sem dificuldades, é repassada dos pais para os filhos. Dado que seus pais, em número considerável, vieram de uma situação econômica e acadêmica pouco expressivas, isto se torna uma mentalidade repassada de geração em geração, na qual o importante mesmo é ter algum tipo de trabalho para fazer, e, conseqüentemente, ganhar dinheiro. Destarte, expressões de todos os tipos, desqualificantes quanto ao estudo, não raramente são ouvidas: “não gosto de estudar”; “não tenho jeito para os estudos”; “estudar é bobeira, o importante é trabalhar”; “estudo apenas o básico”; “entrei na escola apenas para

aprender a ler e escrever”; “estudo só para passar de ano”; “não nasci para estudar”; “estudo é bom, mas nunca pôs comida em minha mesa”, dentre várias outras de mesmo cunho.

Desta forma, uma vida sem grandes preocupações, através da qual, as contas sejam pagas pelos salários recebidos e que possibilitam uma condição existencial simples, acaba tornando-se a meta de vida de incontáveis rapazes e moças da ainda jovem cidadela de Varjão de Minas. Sem contar o crescente número de jovens que, pela falta de instrução adequada e entretenimento saudável, acabam caindo nos vícios das drogas lícitas e ilícitas, para os quais, inúmeras vezes, esse caminho se torna sem volta.

Constatando a vigente situação da cidade, pensamos numa forma de contribuir com o desenvolvimento das crianças e jovens de Varjão de Minas. Mesmo partindo de uma religião específica, não nos isentamos do compromisso transformador e libertador com nossa cidade. Uma contribuição, por mais pequena que pareça, pode se tornar um ato inicial que venha incitar diversas outras formas de desenvolvimento em prol das pessoas e da cidade, conseqüentemente.

Entrementes, para entendermos como nossa contribuição será ofertada, faz-se mister, apresentar o trabalho que atualmente vivenciamos na cidade de Varjão de Minas, na qual desenvolvo a missão recebida da Igreja Católica, de ser o presbítero responsável por trabalhar com o povo desta cidade. E, por sinal, cidade da qual recebi o título de cidadão varjonense.

Há mais de quatro anos, trabalho em Varjão de Minas. Muitas são as iniciativas já desenvolvidas com as crianças, adolescentes e adultos desta cidade, dentre elas mencionamos algumas, como os diversos encontros ofertados às crianças, visando desenvolver a convivência social e a capacidade para trabalhos em grupo. Essas iniciativas têm se apresentado bastante frutuosas e, por vezes, até surpreendentes em várias circunstâncias.

Muitos outros trabalhos são realizados com as famílias, como por exemplo o *Encontro de Casais com Cristo*, visando formar casais e famílias cada vez mais equilibrados, capazes de viver e retransmitir valores sólidos e duradouros.

Nos últimos quatro anos, em incontáveis oportunidades, concretizamos várias ações caritativas em prol dos mais necessitados nos mais diversos aspectos. Dentre elas, relembro uma em especial, da Solenidade de *Corpus Christi*, na qual conclamamos as pessoas para que enfeitassem as ruas com roupas, calçados e brinquedos usados que depois seriam revertidos aos mais necessitados. Qual não foi nossa surpresa quando fomos juntar todas as doações e o cômodo que as receberia, de um tamanho bastante considerável, chegou até a metade da altura da parede, tamanho foi o número das doações. Eram tantas roupas, calçados e brinquedos que precisamos doar até para as cidades circunvizinhas. Sem sombras de dúvidas, foi uma bela ocasião de educação para a solidariedade, a qual anda tão escassa nos dias atuais.

Outro trabalho que vem rendendo muitos frutos e ajudando a muitos jovens a se encontrarem na vida social, e também no que diz respeito à orientação acadêmica é o *Encontro de Adolescentes com Cristo*, que é uma ramificação do *Encontro de Casais com Cristo*. Deste movimento, vários jovens já ingressaram em diversas faculdades, por darem ouvidos aos aconselhamentos dos adultos que os acompanham. Isto tem se tornado uma grata surpresa para todos que se deparam com estes jovens, pois, a princípio, o *Encontro de Adolescentes com Cristo* tem uma finalidade formativo-religiosa, mas, a partir dos diversos temas tratados nos encontros, a importância de se continuar os estudos é ressaltada constantemente, despertando nos jovens um interesse cada vez maior pela questão educacional, a qual ainda é pouco valorizada pela maioria deles, em Varjão de Minas, com idade e condições para o Ensino Básico e também Superior.

Por meio desse movimento da Igreja e constantes orientações em reuniões religiosas de cunhos diversos, muitos adolescentes são incentivados a continuar crescendo como cidadãos, como cristãos, como filhos, como amigos, como estudantes em constante aprendizado, sobretudo, no que diz respeito a seu ingresso no nível superior ou sua continuação na educação básica escolar.

Todavia, percebemos a necessidade de contribuir mais com o desenvolvimento de nossas crianças e adolescentes. Com este fito, percebemos a grande importância que os catequistas da Paróquia Nossa Senhora da Guia, da cidade de Varjão de Minas-MG, têm neste processo de instigação ao desenvolvimento da capacidade crítica e de atuação transformadora na sociedade varjonense.

Neste ínterim, resgatamos a proposta de uma educação religiosa libertadora, desenvolvendo este artigo que foi apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE), para que, desde o primeiro momento em que as crianças e os adolescentes cheguem até nossos encontros catequéticos, sejam instigados a desenvolver suas melhores capacidades. Isto, visando a contribuir com o desenvolvimento social de Varjão de Minas, e, conseqüentemente, com a educação básica escolar, na qual, as crianças e adolescentes, em sua maioria, encontram-se inseridos.

Desta forma, evidencia-se a força que uma catequese libertadora pode ter na formação de crianças e adolescentes mais tolerantes, flexíveis, solidários, criativos, inovadores, críticos e aptos a atuar incisivamente na transformação de sua realidade pessoal, familiar, social, e, conseqüentemente, também escolar.

A Igreja Católica em Varjão de Minas conta com vários voluntários na ação catequética, ou seja, na ação de educar na fé, muitos deles são professores atuantes, aposentados ou que por

motivos diversos acabaram migrando para outras áreas de atuação. Todavia, deve ficar claro que a ação catequética desenvolvida pelos docentes, sobretudo, de cunho libertador, não tem mais aquela rigidez e fechamento de décadas passadas. Hoje a catequese se transformou num itinerário de encontros para formação religiosa em que todos os assuntos pertinentes à sociedade contemporânea são abordados, debatidos, elucidados e trabalhados em grupo com a contribuição contundente dos catequizandos. Um processo que se desenvolve na coletividade, com intuito de fomentar, ao máximo, a participação dos catequizandos, fazendo deles protagonistas de suas próprias transformações.

Todos os anos, centenas de crianças e adolescentes passam por nossos processos de educação na fé. Consequentemente, percebemos que a Catequese Libertadora pode constituir um forte instrumento de libertação da mentalidade de acomodação e pouco interesse na busca do conhecimento. E, mais ainda, possibilitar também o desenvolvimento de pessoas com mentalidade livre que sejam capazes de despertar novas mentes para a importância do crescimento consciente tornando-se pessoas de bem, bons profissionais, bons estudantes, enfim, pessoas que somem decisivamente aos ambientes nos quais desenrolam suas vidas.

Com sua ação libertadora, a educação na fé, possibilita que incontáveis crianças e adolescentes possam descobrir suas muitas capacidades ainda não desenvolvidas e colocá-las em prol do desenvolvimento pessoal, familiar, empregatício e escolar. Todavia, faz-se mister esclarecer que, não empregamos em nenhum momento neste artigo o termo *libertação* aos moldes da *Teologia da Libertação* de décadas passadas – a qual, naquele momento, exerceu considerável influência dentro da Igreja Católica no Brasil.

Eu, como presbítero da cidade de Varjão de Minas, Licenciado em Filosofia e Bacharel em Teologia, pós-graduado em Metodologia do Ensino de Filosofia e Docência do Ensino Superior, agora mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação da UNIUBE, também me vejo no compromisso de contribuir com o desenvolvimento da sociedade varjonense. Para isso, apresentamos o artigo ora desenvolvido. Entrementes, ressalta-se que, por causa do ofício por mim desenvolvido, tal artigo não se tornará um produto estagnado e infértil. Pois, sua consistente elaboração tem por intuito servir como reflexão e aplicabilidade em qualquer cidade, onde, por ventura, minha missão possa ter continuação.

Muitas outras poderiam ser as contribuições que fizéssemos chegar até nossas crianças e adolescentes. Também poderiam ser diversos os métodos utilizados para que o incentivo ao desenvolvimento intelectual e acadêmico alcançasse os adolescentes e crianças, todavia, escolhemos aquele que, além de estar ao nosso alcance, está na possibilidade de acarretar um arcabouço de conhecimentos e competências que contribuam para que uma resposta consistente

seja dada por nossos catequizandos, também no que diz respeito à escola básica, na qual a maioria deles dá continuidade a seu processo de escolarização.

Só no ano de 2017, o qual serviu de referencial para nossa pesquisa, duzentos e cinquenta e quatro catequizandos fizeram parte dos encontros de educação religiosa.² Um número considerável, se pensarmos que a cidade de Varjão de Minas conta com pouco mais de seis mil habitantes³, incluindo moradores urbanos e rurais. Esse número seria reduzido, se considerarmos apenas moradores urbanos, para menos de seis mil, ou seja, um contingente muito pequeno de pessoas, bem característico das cidades interioranas do Brasil. O que reforça ainda mais a grande importância da oferta de uma Catequese Libertadora amparada pelas contribuições oriundas da educação libertadora platônica, a qual pode render muitos e bons frutos, tanto agora quanto no futuro para a sociedade varjonense.

Enfim, para que nosso intento fosse alcançado, é que apresentamos, no desenrolar do artigo, naquilo que consiste a libertação platônica que encontramos na narrativa da *Alegoria da Caverna*. Posteriormente, apresentamos a Catequese Libertadora ou educação religiosa libertadora e suas consequências sociais. Arrematando o desenvolvimento do artigo, fizemos uma abordagem às contribuições que a pedagogia platônica pode disponibilizar, para a concretização de uma catequese autenticamente libertadora. Todavia, sempre mirando a reinserção de crianças e adolescentes mais críticos e melhores preparados, nos mais diversos âmbitos da existência e, sobretudo, no estudo em questão, capazes de corresponder melhor às exigências das instituições escolares do ensino básico brasileiro.

² Esta quantidade encontra-se registrada nos arquivos da Pastoral Catequética da Paróquia Nossa Senhora da Guia – cidade de Varjão de Minas-MG.

³ Segundo a última pesquisa realizada pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE) em 2010, Varjão de Minas contava com 6.054 habitantes. Cf. IBGE. Varjão de Minas. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/varjao-de-minas/panorama>. Acesso em: 28 dez. 2017.

**A EDUCAÇÃO PLATÔNICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CATEQUESE
LIBERTADORA: UMA RELEITURA FILOSÓFICO-PEDAGÓGICA DA ALEGORIA
DA CAVERNA**

**PLATONIST EDUCATION AND ITS CONTRIBUTIONS TO RELEASER
CATECHISM: A NEW PHILOSOPHICAL-PEDAGOGICAL READING OF CAVE
ALLEGORY**

Carlos Eduardo da Silva⁴

RESUMO

Platão desenvolveu um processo educacional visando, sobretudo, a formação do governante. A essência deste pensamento se encontra na afamada *Alegoria da Caverna* – livro VII da obra *A República*. Este ideário pedagógico, que consta de cinco etapas, encerra o itinerário que o candidato a rei-filósofo deveria percorrer até alcançar o governo da Cidade Modelo. Uma vez contemplada a ideia do Bem, por intermédio da filosofia, o filósofo-rei governaria com justiça, trazendo felicidade a todos os habitantes da cidade. Na sequência, expomos sobre a Catequese Libertadora, como educação na fé que transforma tanto a pessoa quanto a sociedade, apresentando sua definição, objeto, métodos, objetivo e esclarecimentos gerais. Prosseguindo abordamos sobre o processo educacional platônico, objetivando destacar do mesmo, vários elementos que possam potencializar a Catequese Libertadora. Para tal nos utilizaremos do método de pesquisa bibliográfica e análise documental, nos servindo como baluarte teórico de Abbagnano (2007), Paviani (2008), Platão (1997), CNBB (2016) e outros. Destarte, constatamos que a pedagogia platônica apresenta vários elementos que podem ser tomados como importantes contributos para o processo catequético libertador.

Palavras-chave: Educação. Libertação. Platão. Catequese.

ABSTRACT

Plato developed an educational process gazing, overall, governor's training. Essence of this thought is founded in the famous Cave Allegory – Book VII of the work *Republic*. This pedagogical ideary, made of five steps, ends the itinerary that the candidate to Philosopher King should pass untill reaching the government of Standard City. Once contemplated the idea of the Good, through philosophy, the Philosopher King would rule with justice, bringing happiness to every inhabitant of city. After, we explain about releaser catechism, like training in faith that transforms as person as society, showing its definition, object, methods, aim and general clearings. Continuing, we approach platonist educational process, aiming to remark several elements that are able to reinforce Releaser Catechism. In order to do it, we will make use of bibliographical research method and documental analysis, by using theoretical references Abbagnano (2007), Paviani (2008), Platão (1997), CNBB (2016) and others. Thus, we have

⁴ Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), Graduação Licenciatura Plena em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH), Bacharelado em Teologia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERPI), Especialização Latu Sensu em Metodologia do Ensino de Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH), Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas (ICSH). E-mail: kadusil777@gmail.com

found that platonist pedagogy shows several elements that can be considered important contributors to releaser catechism process.

Keywords: Education. Releasing. Plato. Catechism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Todo processo educacional autêntico visa à formação integral do ser humano. Pois, caso isso não acontecesse, se mostraria contraditório desde as bases. Em se tratando da formação integral, adentramos também às questões da emancipação e libertação do homem. Ambas são caras também ao assunto que aqui discorreremos.

O ser humano tem ânsia de liberdade e domínio de si. Estas temáticas nortearam o pensamento de diversos intelectuais ao longo da história. Com Platão não foi diferente. Confrontado por um contexto social opressor e pouco esclarecido, empreendeu um sistema de pensamento ousado, em busca de emancipação e libertação, tanto da alma quanto do corpo. Ousou fazer o diferente, buscando contribuir com a sociedade de sua época. Nesta esteira é que também empreenderemos nossos esforços.

Nosso intento visa, a partir de uma abordagem ao processo educacional proposto por Platão, descobrir referências pedagógicas que contribuam com a Catequese Libertadora. Não analisaremos todo o ideário pedagógico desenvolvido por este filósofo, o qual se mostra demasiado extenso, nem temos a pretensão de esgotar a temática em questão. Deter-nos-emos na *Alegoria da Caverna*, na qual encontramos a essência dos ensinamentos educacionais de Platão. Abordaremos, sincronicamente, sobre a catequese, haurindo do pensamento platônico, conteúdos que possam contribuir com sua ação libertadora.

EDUCAÇÃO PLATÔNICA

Platão foi um filósofo grego que, provavelmente, viveu entre os anos de 427 e 347 a.C. Seu verdadeiro nome era Arístocles. Foi alcunhado de Platão, devido a amplitude de seu estilo ou de sua testa, apelido que perdurou pelos séculos. Platão advinha de uma família aristocrática e mergulhada na política.⁵ Isto marcou profusamente a educação por ele recebida e seu labor

⁵ “Filho de Ariston e de Perictione, Platão pertencia a tradicionais famílias de Atenas e estava ligado, sobretudo pelo lado materno, a figuras eminentes do mundo político. Sua mãe descendia de Sólon, o grande legislador, e era irmã de Cármides e prima de Crítias, dois dos Trinta Tiranos que dominaram a cidade durante algum tempo. Além disso, em segundas núpcias Perictione casara-se com Pírilampo, personagem de destaque na época de Pericles.” (PLATÃO, 1996, p. 9). Nesta citação é importante esclarecer que, mesmo citando Platão, autor apresentado nos dados catalográficos do livro, tal texto, pelo estilo, linguagem e conteúdo, deixa entrever, que foi desenvolvido

filosófico. Neste, preconizou um sistema educacional *sui generis*, se tomado em sua globalidade. Somente, por intermédio, de um processo educacional altamente qualificado uma sociedade justa alcançaria sua gênese.

Para a correta compreensão do processo pedagógico proposto pelo filósofo, faz-se mister, compreender, a priori, as linhas centrais de sua produção filosófica. Platão é o pai do Mundo das Ideias. Sua concepção filosófica consiste na distinção de duas realidades. Tudo tem sua origem no Mundo Inteligível.⁶ Neste se encontram as ideias (formas) perfeitas, unas, imutáveis e eternas. A organização do Mundo das Ideias é hierárquica, perpassando pelos entes matemáticos, posteriormente, pelas formas perfeitas, e, finalmente, culminando na ideia do Sumo Bem (PAVIANI, 2003). A apreensão desta é finalidade última da educação platônica. Já a realidade ininteligível, ou seja, este mundo sensível no qual nos encontramos, é apenas uma cópia deformada do Mundo das Ideias.⁷

Segundo Platão, o processo do conhecimento consiste na reminiscência das formas imutáveis – o que consiste na verdade. Lançando mão da filosofia, a alma humana recorda-se das ideias. Quanto maior for a compreensão das ideias, maior será a libertação do homem, que mirando o mundo das essências se percebe cada vez mais livre das paixões humanas, as quais, impossibilitam o alcance da verdade.

Para obtenção deste fim, Platão, apresentou um minucioso processo educacional descrito no livro VII da obra *A República*. Esta, em diversos pontos, faz menção à pedagogia de Platão. Entrementes, o enfoque deste artigo se volta totalmente ao livro VII, pois nele encontramos a *Alegoria da Caverna*. Por intermédio desta narrativa Platão apresenta a essência de seu pensamento filosófico, e, conseqüentemente, os pilares centrais de sua proposta educacional.

Na *Alegoria da Caverna* Platão incita a compreensão de um quadro preciso. Imaginem-se homens acorrentados dentro de uma caverna desde o nascimento e com o rosto sempre direcionado para o fundo da mesma. Uma fogueira arde na caverna num plano superior. Sua luz projetada sobre objetos que operários carregam, passando por cima de um muro existente entre os prisioneiros e a fogueira, cria sombras moventes no fundo da caverna. Os acorrentados

por outrem, não pelo filósofo em questão. Referindo-se ao tópico, “Platão - Vida e Obra”, a Editora Nova Cultural, ressalta que todos os direitos desta explanação lhe pertencem exclusivamente. Contudo, não revela, em nenhum momento do livro, o autor que comentou sobre a vida e a obra de Platão.

⁶ “Mundo inteligível: mundo das idéias ou formas, em Platão entendido como tendo uma realidade autônoma, tanto em relação ao mundo sensível, do qual constitui o modelo perfeito, quanto ao pensamento humano, que no entanto o atinge pela dialética.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 195).

⁷ “Mundo sensível: realidade material, constituída pelos objetos da percepção sensorial [...], o mundo sensível opõe-se ao mundo inteligível, do qual é cópia.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 195).

não conhecem outra realidade, em hipótese alguma. Desacreditam da existência de outros seres que não sejam as sombras. Por sorte, um dos prisioneiros consegue se libertar e alcançar a entrada da caverna. A princípio fica cego, pois está desabitado à luz solar. Aos poucos percebe o mundo real, do qual, apenas tinha acesso às sombras. Primeiro, ele mira as sombras das coisas no chão, depois as próprias coisas, e, por fim, ergue os olhos ao próprio sol que tudo ilumina. Maravilhado com a descoberta ele volta para o interior da caverna visando denunciar a ilusão em que todos se encontram. Segue-se uma segunda cegueira, ou seja, passar da luz do dia para a escuridão da caverna. O possível libertador, tomado como insolente, por afrontar as verdades nas quais os prisioneiros estão enraizados é incompreendido, espancado e morto pelos antigos companheiros.

Para cada elemento da alegoria o filósofo atribui um significado. A caverna tenebrosa corresponde ao mundo sensível (visível) no qual vivemos. O fogo que arde no interior da caverna é o sol que nos ilumina e a tudo confere vida. Os objetos que os trabalhadores carregam são uma representação das coisas que existem em nosso mundo. E as sombras no fundo da caverna são identificadas com as sombras das coisas em contato com o sol. Segundo Platão, este mundo sensível está dotado de um nível inferior de realidade (verdade). Ele corresponde à *doxa* (opinião), isto é, pode nos oferecer apenas um conhecimento superficial das coisas.

O processo de libertação do prisioneiro apresenta o propósito da alegoria, que consiste na libertação da alma humana.⁸ Esta deve romper os grilhões das sombras das opiniões do senso comum e atingir o clarão da verdade. Porém, só pode ser obtida por intermédio da filosofia, a qual, possibilita as forças para se empreender a íngreme subida do mundo da caverna para a luz da *ciência* (episteme), ou seja, conhecer as coisas em si mesmas, na sua essência.

Para Platão, o mundo exterior à caverna corresponde ao Mundo das Ideias. O sol é comparado com a ideia do Bem, ápice da realidade inteligível. Da mesma forma que o sol concede vida a todas as coisas, o Bem irradia luz e vida à realidade inteligível. Os objetos que são iluminados pelo sol fora da caverna correspondem às formas unas, perfeitas, imutáveis e eternas: a justiça, a beleza, a bondade, e, assim por diante. As sombras dos objetos correspondem aos entes matemáticos, ou seja, não os diversos números dos quais nos utilizamos

⁸ Na *Alegoria da Caverna* o termo libertação ganha conotações mais elevadas, do que, simplesmente, um libertar-se dos sentidos. Platão fala de um novo propósito de vida orientado pela filosofia. “A filosofia é a descoberta de uma nova forma de vida intelectual que, de resto, não se pode separar da vida social.” (BRÉHIER, 1977, v. 1, p. 94). Por intermédio da verdadeira filosofia, as avaliações superficiais do senso comum caem no ridículo, não sendo aceitáveis, nem mesmo na mente de seus pares. Disto resultam as adversidades do autêntico filósofo, pois, percebendo-se num estágio intelectual superior aos demais, deve tentar elevá-los pela filosofia ao mesmo nível. Ou seja, corresponde, como veremos mais adiante, ao processo de retorno à caverna na tentativa de libertar os aprisionados pelo falso conhecimento.

em nossas operações, mas sim o número na essência, dentro da inteligência humana. Destarte, Platão evidencia que o mundo fora da caverna é dotado de um nível superior de realidade alcançando a plenitude no conhecimento da ideia do Bem.

Aquele que atingiu tal beatitude não pode ficar inerte. Por ter alcançado a *episteme*, sua missão é retornar aos companheiros aprisionados em seu falso conhecimento e esclarecê-los quanto à verdade. Este processo corresponde à desagradável descida à caverna. “Somente o filósofo será capaz de subir ao mundo superior e depois voltar ao inferior, pois ele está constituído de um conhecimento verdadeiro de realidade.” (QUILLICI NETO, 2002, p. 69).

Todavia, não é fácil dispor-se ao sofrimento voluntário. Aquele que se libertou recebeu uma dádiva pessoal, mas não é essa a compreensão daqueles que não chegaram à contemplação do mundo exterior à caverna. No ato de convencer os demais prisioneiros a desvencilharem dos grilhões o libertador se percebe repudiado e refutado. Devido estar solitário em meio à escuridão dos prisioneiros é maltratado e conhece a morte – por não abrir mão da nova orientação que descobriu para sua vida. Segundo a convicção do filósofo, aquele que se libertou das opiniões do senso comum não consegue mais guardar esta luz para si. Angustiado pelo *status quo* aprisionador, se lança à prática libertadora, mesmo incompreendido.

Segundo Platão, os únicos no mundo sensível que alcançam a excelência daquele que se libertou conforme a narrativa da caverna são os autênticos filósofos. Por ter recebido forte influência política, tanto social, quanto familiar, a educação proposta pelo pensador grego visa a constituição de uma sociedade justa, na qual cada um faça aquilo que lhe é devido, gerando uma consistente harmonia social.⁹ Para que tal se materialize, um processo educacional salutar e que perpassasse toda a sociedade deveria ser praticado.

A sociedade ideal platônica era dividida em três classes. A saber, são elas: os filósofos, os quais deveriam ser os governantes, pois neles prevalecem a sabedoria; os guardiões, aos quais caberia a proteção da cidade, já que suas almas tendem mais à fortaleza; por fim os comerciantes, camponeses e artesãos, os quais proveriam toda a cidade em suas necessidades, dado que em suas almas predomina a temperança – o aspecto mais elementar. (REALE; ANTISERI, 1990, p. 163).

⁹ Platão esboça uma visão tripartida da alma humana (racional, irascível e concupiscível), bem como, do estado (filósofos, guardiões e comerciantes...). A justiça consiste numa harmonia entre as três partes da alma e as três classes do estado. A consequência duma desarmonia é a infelicidade. Nickolas Pappas (1995, p. 37) elucida: “Tanto o indivíduo como a cidade contém forças em desacordo potencial, umas com as outras: as classes sociais, na cidade, e as partes da alma, na pessoa. A justiça consiste, para ambas, na harmonia entre essas forças. Mas, quando estas não entram em relação harmoniosa, é a infelicidade; quanto maior é anarquia tanto maior será a miséria. Por isso, a justiça é vantajosa.”

No livro VII d'*A República* a educação ideal é explicitada etapa por etapa. No parecer de Platão “[...] se os seres humanos são diferentes, eles têm de ser educados para assumir funções diferentes. O sistema educacional deveria identificar [...] essas diferenças.” (KONDER, 2010, p. 23-24). Tal educação tem por finalidade formar adequadamente o cidadão para que execute com precisão sua tarefa social. “Esta educação é dispensada essencialmente às classes superiores – especialmente aos filósofos, a quem cabem as virtudes mais elevadas, e, portanto, a direção da república.” (PADOVANI; CASTAGNOLA, 1993, p. 121). Destarte, Platão afirma que algumas ciências de sua época seriam indispensáveis à educação dos reis-filósofos. Ele contabiliza cinco ciências: aritmética, geometria, astronomia, e, harmonia, ou seja, quatro matemáticas, encimadas pela dialética, a principal.

Os entes matemáticos, os quais podem ser alcançados através destas ciências matemáticas supraditas, correspondem às sombras do mundo exterior à caverna. Eles são, por assim dizer, o primeiro degrau na ardorosa subida rumo à ideia suprema. “Segundo Platão, as matemáticas possuem uma função educativa profunda. Não se trata apenas de resolver problemas práticos [...]. Sua função é despertar o pensamento, purificar e estimular a alma na busca do conhecimento.” (TEIXEIRA, 2015, p. 43). Sua utilidade principal está na possibilidade de introdução da inteligência humana no Mundo das Ideias. Todavia, como as ciências matemáticas partem de um apoio sensível, elas se apresentam de grande utilidade também no que diz respeito à arte da guerra, pois, antes de mais nada, o rei-filósofo é um guerreiro.¹⁰ Destarte, cada ciência matemática oferece uma contribuição específica neste processo de conversão da inteligência, transitando do vir-a-ser para a essência.

A contribuição da aritmética nasce do fato que todo número em si mesmo, na razão pura, é uno, sempre distinto em relação a qualquer outro. Como a realidade sensível nos apresenta seres unos, mas, sincronicamente múltiplos, a aritmética estimula a razão humana a obter a compreensão da unicidade inteligível. E toda forma no mundo das ideias é sempre uma e idêntica. “[...] a Aritmética, por tratar apenas dos números em si, destituídos de corpos visíveis ou palpáveis, ultrapassa a mutabilidade e dirige-se à verdade e à essência.” (SOARES, 2002, p. 213).

No que tange à geometria, seu contributo é haurido da noção de imutabilidade. O que arrasta a inteligência do geômetra rumo ao Mundo Ideal é o raciocínio da forma em si. Um quadrado sempre terá quatro lados, um círculo sempre será sem começo nem fim (daí ser

¹⁰ As ciências matemáticas “[...] não somente terão o poder de favorecer o retorno da alma, que caracteriza a filosofia, mas também deverão ser úteis à guerra, pois os filósofos-aprendizes em nossa Cidade-modelo são recrutados entre os guardiões ou guerreiros.” (PIETTRE, 1985, p. 57).

considerada a forma perfeita), não importando se são grandes ou pequenos. Assim também, toda ideia na realidade inteligível é imutável e perfeita. Platão (1997, p. 239-240) ainda conclui:

[...] a especialidade desta ciência e as suas partes mais avançadas tendem para o nosso objetivo, que é o de fazer ver mais facilmente a ideia do bem. [...] ela atrai a alma para a verdade e desenvolve-se esse pensamento filosófico que eleva para o alto os olhares que indevidamente baixamos para as coisas deste mundo.

Por sua vez, a ciência matemática da astronomia possibilita a percepção da beleza dos astros, das figuras constituídas pelas constelações, dos movimentos regulares nos céus, e, assim, por diante. Entrementes, através da aplicação matemática à astronomia, estas constituições sensíveis devem arrastar a alma à perfeição destas mesmas realidades. Pois na realidade inteligível é que se encontram a beleza, a figura, o movimento em perfeição. Em suma, a astronomia “[...] deve habilitar-nos a ver, além do céu visível, um céu habitado por seres e dotado de movimentos perfeitos que só a inteligência é capaz de perceber (graças à utilização da matemática).” (PIETTE, 1985, p. 41-42).

Por fim, temos a harmonia. O fato de Platão ter apresentado esta ciência como importante no processo formativo do governante-filósofo se dá, sobretudo, por causa da aplicação matemática na compreensão da harmonia musical. Esta ciência não deve se limitar à compreensão dos sons ou dos acordes harmoniosos. Todavia, deve impulsionar a inteligência para a contemplação da harmonia perfeita, existente somente na realidade inteligível. Segundo Batista (2013, p. 37), caso o candidato a rei-filósofo, empreenda quanto à harmonia, o devido estudo, este contribuirá

[...] para habituá-lo a perceber a correspondência entre os números e sons e, conseqüentemente, possa atraí-lo para a contemplação do equilíbrio e da perfeição do Mundo Inteligível. Neste sentido, sendo a harmonia a combinação entre a música e a aritmética, os estudos dos acordes franquearão à mente do educando abrir-se à procura da bondade e da beleza do Mundo Inteligível [...].

Todas estas ciências matemáticas compreendidas e defendidas por Platão, conforme as possibilidades de sua época, nos revelam a existência de uma realidade perfeita, alcançada apenas pela razão. Mas estas ciências nos apresentam este mundo inteligível de maneira turvada, como se fosse um sonho. Por isso é que nosso filósofo ateniense toma a dialética, como a ciência mais indicada, neste itinerário educacional, para que as ideias perfeitas sejam compreendidas e distinguidas até se alcançar o fundamento incondicionado do Mundo Ideal.

A dialética¹¹ compreende um processo destruidor de hipóteses. Scolnicov (2006, p. 64) elucida: “A dialética platônica não é construtiva. O processo dialético [...] refuta proposições que não podem ser mantidas e liga proposições que não foram refutadas aos princípios que as suportam.” Outrossim, a dialética “[...] como ideia geral considera a realidade um jogo de contrários e, ao examinar as partes, nunca perde de vista a totalidade.” (PAVIANI, 2008, p. 120). Platão preconizava o estudo por meio do diálogo como possibilidade de se alcançar a perfeição inteligível. Por meio do processo de ideias propostas e ideias confrontadas, num jogo exigente de perguntas e respostas inteligentes o intelecto atinge as formas perfeitas na inteligibilidade. Progredindo de ideia em ideia, num crescimento ininterrupto a razão chegaria a seu termo alcançando a ideia do Sumo Bem. A dialética permite conhecer as ideias em si mesmas, o que corresponde aos objetos fora da caverna, e, ulteriormente, a ideia suprema – Bem –, que corresponde ao sol apresentado na alegoria. Jaeger (1989, p. 624) apresenta com precisão o processo dialético de Platão:

E assim como os olhos procuram ir vendo pouco a pouco as próprias coisas, sem as sombras a que estavam habituados, assim aquele que abraça a dialética como a verdadeira via do conhecimento se esforça por atingi-lo pelo pensamento, sem que neste as percepções se misturem à essência de cada coisa; e não deve descansar até captar pelo pensamento “o próprio Bem, o que ele é”, chegando desta forma ao termo do concebível, tal como o sol, fonte da luz que chega à caverna, é o termo de todo o visível. É precisamente nesta peregrinação que a dialética consiste.

Somente aquele que for capaz de apreender bem a essência destas cinco ciências é que deveria alcançar e possuir as rédeas do Estado. Todavia, Platão explicita no livro VII d’*A República*, cada momento no qual deveriam entrar estas ciências no processo de seleção e educação progressiva do rei-filósofo. Tais ciências, as matemáticas e a dialética, não deveriam, de forma alguma, serem ministradas a qualquer candidato. Este deveria reunir, primeiramente, tanto qualidades físicas, quanto morais e intelectuais, para que em determinadas etapas, e de modos específicos, lhe fossem apresentadas cada uma destas ciências.

Para Platão, desde tenra infância o cidadão deverá receber uma educação qualificada. Até os 17 ou 18 anos a criança e o adolescente serão introduzidos nas ciências matemáticas. Estas precedem a dialética e serão apresentadas em forma de brincadeiras e jogos inteligentes. A proposta é fazer que a criança brincando se desenvolva intelectualmente e apresente sem constrangimentos suas aptidões naturais.

¹¹ Este termo “[...] vem da palavra grega (na forma masculina) *dialektikos*, sendo que “*di*” dá a ideia de dois, de troca, e *lektikos* significa apto a usar a palavra ou diálogo.” (VIGNERON; GOTTLIEB, 2002, p. 97, grifos dos autores).

Dos 17/18 aos 20 anos de idade inicia-se uma nova fase da educação dos jovens. Neste momento educacional os jovens serão introduzidos, obrigatoriamente, na ginástica. A finalidade desta etapa é desenvolver pessoas intrépidas, ágeis e fortes, prontas para a guerra. Aqui a educação intelectual repousará inteiramente, pois o cansaço físico é incompatível com os estudos.

Começa aqui o processo de seleção da educação platônica. Somente aqueles que se destacarem é que serão admitidos na terceira fase. Ela durará dos 20 aos 30 anos de idade. Platão afirma que os candidatos a reis-filósofos serão confrontados novamente com as ciências matemáticas. Contudo, o nível de exigência será muito maior do que na infância. Será observada a capacidade de apreendê-las sinteticamente e relacionar a matemática com o ser verdadeiro. A finalidade deste período educacional é descobrir os candidatos que possuem inclinações inatas para o jogo dialético (PLATÃO, 1997, p. 252).

Findada a etapa anterior incia-se a quarta fase do processo educativo do rei-filósofo. Nesta etapa, que dura dos 30 aos 35 anos, os candidatos terão a oportunidade de desenvolverem a arte dialética. Todavia, somente pessoas com altíssimas qualidades morais e intelectuais poderão adentrar esta etapa pedagógica. Caso a seleção dos candidatos não seja criteriosa o Estado corre o risco de educar sofistas¹² e não verdadeiros filósofos.

Aos 35 anos, a última e quinta fase tem seu ponto de partida. Aqueles que foram considerados espíritos dialéticos deverão retornar à caverna, isto é, deverão passar quinze longos e duros anos em ocupações militares e esportivas. Eles devem ser capazes de assumir e executar qualquer tarefa que um jovem fisicamente robusto possa desenvolver, para que não se tornem desqualificados quanto à experiência (PLATÃO, 1997, p. 255). Sua descida à caverna forçará o candidato a não perder as habilidades militares que desenvolveu. Todavia, sincronicamente, deverão empenhar-se na filosofia, para que tendo sempre o Bem perante os olhos da alma sejam dedicados em prol do bem comum.

Aqueles que suportarem adequadamente esta descida à caverna, vencendo todas as provas às quais foram submetidos, aos 50 anos de idade, serão admitidos no seletivo grupo dos reis-filósofos. Por serem os melhores, tanto física, quanto intelectualmente, serão tidos como dignos para o encargo do governo. Porém, os magistrados supremos jamais descuidarão

¹² Quanto aos mesmos Franca (1967, p. 42-43) afirma: “Chamam-se sofistas os mestres populares de filosofia, homens venais e sem convicções, ávidos de riqueza e de glória que [...] exploraram em benefício da própria vaidade e cupidez o estado dos espíritos criado pelas especulações filosóficas e condições sociais do tempo. Mais retóricos que filósofos, argutos, artificiosos e eruditos, ensinavam à juventude ateniense, atraída pelos encantos da eloquência [...] tirar partido de qualquer situação, galgando as mais elevadas posições numa democracia volúvel e irrequieta. Serviam-se da armas da razão para destruir a própria razão [...]”

da filosofia, pois, a partir da contemplação do Bem é que guiarão a Cidade Modelo com seus habitantes e formarão seus sucessores ou sucessoras.¹³ A sublime missão destes governantes deverá ser cumprida numa alternância entre suas ocupações políticas concretas e as reflexões filosóficas, ou seja, uma alternância entre prática e teoria.¹⁴ Findada a existência de um rei-filósofo, devido todo seu sacrifício em prol da cidade ideal – a Callipolis¹⁵ –, sua memória seria imortalizada como se fosse uma divindade.

Segundo Platão a implantação da Callipolis não é uma quimera. Sua concretização seria difícil, mas não inviável. Caso um ou mais filósofos detenham o poder, sua existência é possível. Em vistas deste fito, propõe um golpe de estado. Para que os filósofos pudessem assumir o poder, todas as pessoas com mais de 10 anos seriam relegadas aos campos. Destarte, longe da instrução corrompida de seus pais, os reis-filósofos educariam as crianças conforme seus princípios. Seria assim, o modo mais rápido e eficaz de se erigir a Callipolis. Por imperar a justiça sob a guia dos filósofos-reis, a felicidade plena seria a coroa de seus habitantes.

CATEQUESE E LIBERTAÇÃO

Neste artigo temos por fito, apresentar a educação platônica em seus diversos aspectos e suas contribuições para uma Catequese Libertadora. Destarte, é mister compreender, de fato, o que venha a ser a mesma. É a partir da compreensão de seu veraz significado, que poderemos então, propor a clarificação da temática de abertura.

Por catequese entende-se o processo de educação na fé que visa transmitir de maneira viva, atraente e atual as verdades cridas pela Igreja Católica, sem, contudo, abandonar os questionamentos e temáticas que se encontram encarnados no dia a dia dos catequizandos. Outrossim, o documento da *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Diretório Nacional de Catequese (DNC)*, afirma que “catequese (*Katá-ekhein*, em grego) significa ressoar; a Igreja dá-lhe o sentido de ressoar a *Palavra de Deus hoje*.” (DNC, 2008, p. 46, grifos dos autores). Este processo direciona-se, primeiramente, àqueles que já professam esta fé.

¹³ “Na cidade modelo de *A República*, ambos os sexos são chamados às mesmas tarefas (como guerreiro ou como governante-filósofo), mesmo se, por natureza, as mulheres sejam em seu conjunto mais frágeis do que os homens.” (PIETTRE, 1985, p. 85, grifo do autor).

¹⁴ “Por filosofia, Platão entende uma cultura ativa, sabedoria que se mistura com a atividade concreta da vida, não entende um metafísico de gabinete e sem utilidade.” (DURANT, 2000, p. 56).

¹⁵ Explicando o termo “cidade” Piettre (1985, p. 107, grifos do autor) elucida sobre a pólis grega, e, consequentemente, sobre a cidade modelo: “*Pólis* [...], de onde derivam os vocábulos *politiké* (política), *politeia* (constituição, regime) e *polítes* (cidadão). A *pólis* significa para um grego o conjunto da vida política. Esta é a razão de freqüentemente se traduzir *pólis* por Estado. Entretanto, a *pólis* grega tem uma extensão territorial muito limitada [...]. Em *A República*, Platão designa a Cidade modelo de *Callipolis*, o que significa “a bela Cidade.”

Posteriormente, volta-se para aqueles que tendo chegado ao conhecimento destas verdades, desejem se tornar membros atuantes da Igreja.

Todavia, deve ficar claro que ao usarmos o termo catequese, não fazemos menção àquele significado de um processo rígido, fechado, amedrontador, e até mesmo, massacrante, com o qual no passado a catequese foi associada. Hodiernamente, falamos de um itinerário catequético totalmente renovado. Através do qual, não somente temas caros à religião são abordados nos encontros catequéticos, mas também toda esta gama de novas interpelações que pululam a realidade cotidiana de nossas crianças e adolescentes. Com este novo modo de se compreender a catequese, fica muito mais evidente as proximidades existentes entre a educação na fé (ensino em espaço não escolar) e a educação que se deseja desenvolver em nossas instituições de ensino básico (espaço escolar).

Destarte, no processo pedagógico catequético alguns elementos são de importância diferenciada, pois revelam aspectos centrais no que tange à educação na fé. Um destes elementos é o objeto catequético, dado que este revela aquilo que é o essencial a ser propagado na educação cristã. O objeto da catequese será sempre a História da Salvação na íntegra (AGOSTINHO, 2005, p. 8).¹⁶ Ela traz em si todos os dados da revelação divina¹⁷, a qual encontra seu ápice na pessoa de Jesus Cristo.

Outro elemento importante na educação catequética é o método a ser utilizado. Entrementes, a catequese não se limita a apenas um método. Ela se serve de diversos métodos contemporâneos, com os quais possa eficazmente educar na fé o cristão. Dentre eles, os principais são: a) o método da interação entre fé e vida (teoria e prática); b) o método indutivo e dedutivo;¹⁸ c) o método do trabalho em grupo (desenvolver na coletividade); d) o método ver-julgar-agir, o qual, se apresenta como o mais recomendado na ação catequética.

¹⁶ “O conteúdo da História da Salvação é tão antigo quanto a religião bíblico-cristã. O sentido da expressão é, por isso, muito complexo no uso catequético. Pode-se entender História da Salvação ora como perspectiva geral (a história como área em que se realiza a salvação), ora como categoria didático-pedagógica para organizar, de modo histórico, e até cronológico, os acontecimentos da revelação (antes de Cristo, vinda de Cristo, tempo da Igreja, arremate escatológico).” (OLIVEIRA, 1992, p. 93).

¹⁷ Na Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV) a revelação divina é apresentada como auto-comunicação de Deus, que encontra sua plenitude em Jesus: “Aproveu a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade [...]. Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível [...], levado por Seu grande amor, fala aos homens como a amigos [...]. Este plano de revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos entre si, de forma que as obras realizadas por Deus na História da Salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. Estas, por sua vez, proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido. No entanto, o conteúdo profundo da verdade seja a respeito de Deus seja da salvação do homem se nos manifesta por meio desta revelação em Cristo que é ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a revelação.” (DV, 2000, p. 122).

¹⁸ “O método indutivo parte do particular para o geral. No caso da catequese, parte-se das situações, inquietações humanas e experiências religiosas para chegar às respostas da fé. O método dedutivo parte de um modo mais geral (Bíblia, Magistério, doutrina, formulações litúrgicas...), para ‘deduzir’ daí as conclusões práticas, específicas, particulares para cada situação.” (DNC, 2008, p. 141).

No que tange ao método ver-julgar-agir, o “ver” significa perceber criticamente a realidade que nos cerca, para que o catequizando saiba compreender as lacunas sociais de sua época. O DNC (2008, p. 142) afirma que o “ver”

[...] é olhar crítico e concreto a partir da realidade da pessoa, dos acontecimentos e dos fatos da vida. A catequese motiva os catequizandos a conhecer e analisar criticamente a realidade social em que vivem, com seus condicionamentos econômicos, sócio-culturais, políticos e religiosos [...]. O ver cristão já traz em si a iluminação da fé.

O segundo momento deste método é o “julgar” – abordado por alguns como “iluminar”. Isto implica que não basta apenas perceber uma conjuntura social. É imperioso saber avaliar um contexto social “iluminado” pela Palavra de Deus, pois será a partir desta, que o cristão pensará com os princípios de Cristo. Todavia, nada impede que neste momento sejam utilizadas as ciências sociais e humanas, as quais, poderão oferecer ensinamentos imprescindíveis para um julgamento mais preciso da realidade.

Finalizando a compreensão deste método temos o “agir”. Este implica numa tomada de decisões que vise transformar a vida pessoal e a realidade interpeladora detectada. Destarte, agir nada mais é do que um compromisso que, a partir dos ensinamentos cristãos, deve “[...] promover integralmente as pessoas e as comunidades, servir aos mais necessitados, lutar por justiça e paz, denunciar profeticamente e transformar evangelicamente as estruturas e as situações desumanas, buscando o bem comum.” (DNC, 2008, p. 143).

Utilizando-se destes parâmetros tendemos, pois, à finalidade do processo catequético. Segundo o documento eclesial brasileiro *Catequese Renovada* (CR), “sua finalidade é a maturidade da fé, num compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar na vida eterna e feliz.” (CR, 2016, p. 139). Por maturidade da fé entende-se uma compreensão dos ensinamentos de Cristo e da Igreja que gere atuação eficaz e transformadora na concretude da existência.

Todavia, para que tal se realize é imprescindível a pessoa do catequista. Este para executar a missão de educador na fé, precisa, antes de qualquer coisa, passar por um processo de seleção e preparação. Seu processo formativo, se avaliado a fundo, inicia-se ainda no seio familiar, através dos rudimentos de fé que recebe de seus pais ou responsáveis. Ainda na infância e na adolescência recebe o ensinamento das verdades essenciais da fé, por intermédio de outros catequistas que já alcançaram a maturidade exigida. Quando também ele é tido como maduro na fé, é convidado conforme as necessidades da Igreja, para retransmitir os ensinamentos que apreendeu. Todavia, por um determinado período – caso aceite o convite –,

deverá passar pelos encontros de formação de catequistas.¹⁹ O crescimento no entendimento e vivência acerca daquilo que aprendeu não deverá encontrar um término, deve durar por toda a vida ou até enquanto desempenhar tão nobre missão. Em suma, sua formação deverá ser de caráter permanente (DNC, 2008, p. 203).

Não basta ao catequista ser alguém preparado na fé e nos métodos. É preciso também que ele saiba compreender bem o ser humano e a realidade na qual se encontra mergulhado. É neste sentido que

o catequista necessita de algum conhecimento de ciências humanas que possa oferecer boas indicações para o seu trabalho educativo. A filosofia, a psicologia, a sociologia, a biologia ajudam a compreender as pessoas e seus relacionamentos, nas mais diversas situações em que se encontram. A sensibilidade do catequista para os problemas e aspirações dos catequizandos pode aprimorar-se a partir dessas áreas de conhecimento. Na comunicação há muito a aprender do que o mundo vem descobrindo. Um catequista que gosta de aprender, também fora do âmbito da Igreja, será mais criativo e terá mais recursos para dar conta da sua missão [...]. (DNC, 2008, p. 138).

Um dos aspectos a ser considerado pelo catequista no desenvolvimento de sua missão cristã é o caráter libertador. Toda forma de catequese, para que seja autêntica, necessita ser libertadora.²⁰ Contudo, quando falamos em libertação, tratamos em primeiro lugar daquela que é a pior de todas as escravidões: o pecado.²¹ Sem sombras de dúvidas, esta libertação evoca

¹⁹ “A expressão formação de catequistas indica o processo educativo pelo qual os catequistas se preparam para desempenhar sua função profética. É indispensável que se trace um roteiro de formação, tendo em conta a realidade socioeclesial em que vivem, o projeto pastoral da Igreja local, os destinatários que lhes serão confiados e o ambiente em que vivem os catequizandos [...]. O catequista é, antes de tudo, alguém que deseja crescer na fé ajudando outros a crescer [...]. Os cursos e escolas de catequese são meios que se destinam a favorecer a aquisição de competência especial no campo da catequese, particularmente no que se refere a conteúdos e métodos [...].” (OLIVEIRA, 1992, p. 35).

²⁰ Ao se falar de ação libertadora (Catequese Libertadora) é levada em consideração toda a tradição escriturística, a qual, embasa a fé cristã. Pois, “na Sagrada Escritura, qualquer libertação é ordinariamente atribuída ao poder da misericórdia divina. As duas grandes libertações na Bíblia são: **1.** A libertação do Egito. Os israelitas foram escravizados pelos egípcios e mais tarde Deus apareceu a Moisés na sarça ardente e prometendo a libertação do povo [...] (Ex 3,7). Depois das doze pragas, o Faraó deu liberdade aos israelitas e quando voltou a perseguí-los o Senhor de novo livrou seu povo afogando os egípcios no mar Vermelho (Ex 12,31-14,31) [...]. **2.** A libertação dos homens do pecado e do demônio pela paixão e morte de Cristo, no Calvário. Esta redenção foi prometida aos homens pela profecia de Isaías onde está escrito: “O espírito do Senhor repousou sobre mim porque o Senhor me encheu de sua unção: Ele enviou-me para evangelizar aos mansos, curar os contritos de coração, e pregar remissão para os cativos e aos encarcerados” (Is 61,1). Embora os israelitas tomassem a profecia em sentido material, errado, Cristo a cumpriu plenamente em seu verdadeiro sentido espiritual.” (DICIONÁRIO PRÁTICO DE CULTURA CATÓLICA, BÍBLICA E GERAL, 1972, p. 159).

²¹ O *Documento de Aparecida* (DA) entende o pecado como “abandono de Deus.” (cf. DA, 2007, p. 12). Já a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) descreve o pecado e suas consequências: “Constituído por Deus em estado de justiça, o homem contudo, instigado pelo Maligno, desde o início da história abusou da própria liberdade. Levantou-se contra Deus desejando atingir seu fim fora dele [...]. Recusando muitas vezes a reconhecer Deus como seu princípio, o homem destruiu a devida ordem em relação ao fim último e, ao mesmo tempo, toda sua harmonia consigo mesmo, com os outros homens e as coisas criadas. Por isso o homem está dividido em si mesmo. Por esta razão, toda a vida humana, individual e coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Bem mais ainda. O homem se encontra incapaz, por si mesmo, de debelar eficazmente os ataques

outras de ordens diversas, para que, desta forma, o homem possa viver conforme todas as exigências que sua dignidade reclama.

A libertação é antes de tudo e principalmente libertação da escravidão radical do pecado. Seu objetivo e seu termo é a liberdade dos filhos de Deus, que é dom da graça. Ela exige, por uma consequência lógica, a libertação de muitas outras escravidões, de ordem cultural, econômica, social e política, que, em última análise, derivam todas do pecado e constituem outros tantos obstáculos e impedem os homens de viver segundo a própria dignidade. Discernir com clareza o que é fundamental e o que faz parte das consequências é condição indispensável para uma reflexão teológica sobre a libertação. (CNBB, 1986, p. 7).

Em alguns casos o que ocorre é ambiguidade e precipitação. Na tentativa de resolver questões de urgência, muitos tenderam à resolução levando em consideração apenas agrilhoamentos temporais. Desconsideraram a real importância da libertação espiritual, a qual, desencadeia todas as outras libertações.

Na verdade, diante da urgência dos problemas, alguns são levados a acentuar unilateralmente a libertação das escravidões de ordem terrena e temporal, dando a impressão de relegar ao segundo plano a libertação do pecado e, portanto, de não atribuir-lhe praticamente a importância primordial que lhe compete. A apresentação dos problemas por eles proposta torna-se por isso confusa e ambígua. (CNBB, 1986, p. 8).

Ao se falar de Catequese Libertadora é posta na mesa uma gama de realidades que a permeia. O que não pode se perder de vista é a exigência da catequese de ser fiel à Palavra de Deus, aos ensinamentos da Igreja e à necessidade de oferecer respostas esclarecedoras e atuais, no que tange ao homem, mergulhado na sua concretude existencial. De acordo com a *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Nordeste II*, (CNBB NE II), “a catequese não pode, pois, prescindir do contexto sócio-cultural-religioso em que o povo vive.” (CNBB NE II, 1983, p. 20). As questões essenciais da vida humana, no aqui e agora da pessoa, não aparecerem na catequese apenas como temas ilustrativos. Elas ocupam espaço de destaque dentro do processo catequético, sempre iluminadas pela Palavra de Deus.

A catequese procura transmitir a mensagem de Cristo, vivida e vitalmente transmitida pela Igreja, de modo que não seja separada da realidade em que as pessoas estão imersas: família, amizade, estudo, trabalho, aspirações, dificuldades, injustiças, doenças etc. A palavra de Deus, que a catequese anuncia, deve ser como uma iluminação que vem do alto, como resposta aos problemas mais profundos do homem. Neste sentido, os “temas humanos” (amor, guerra, justiça social, paz, promoção humana etc.) não entram na catequese só como exemplo, como meio didático, mas

do mal; e assim cada um se sente como que carregado de cadeias. Mas o próprio Senhor veio para libertar e confortar o homem [...]” (GS, 2000, p. 155).

como conteúdo que a palavra de Deus deve iluminar. Nesta perspectiva se pode falar de catequese libertadora. (OLIVEIRA, 1992, p. 109).

Uma das exigências para que a catequese seja libertadora é a educação permanente para o desenvolvimento da consciência crítica. Não basta receber os conteúdos da fé de maneira fria e desencarnada. É dever da catequese hodiernamente, conscientizar as pessoas para a gravidade da questão sociopolítica, como importante aspecto da fé. Não se pode mais permitir, dentro da ação catequética, passar por imperceptível a questão política e suas consequências sociais. Ela é de interesse de todos, dado que por meio dela poderão ser transformadas as vidas das pessoas, as famílias, as nações e a própria humanidade. Aquele que passa pelo processo de educação na fé deve ser esclarecido acerca de sua responsabilidade e contribuição para a existência de uma sociedade mais esclarecida, justa, solidária e humana.

Deve a catequese ajudar as pessoas e as comunidades cristãs a tomar cada vez mais consciência da dimensão sociopolítica da fé, num mundo em que cresce a consciência do dever de empenhar-se na construção de uma sociedade mais humana. A política tornou-se uma dimensão fundamental da vida de cada homem consciente e responsável. Dela depende o próprio futuro da humanidade. (OLIVEIRA, 1992, p. 109).

Contemporaneamente, a catequese é solicitada a instigar o catequizando, seja ele quem for, criança, adolescente ou adulto, a contribuir com a transformação contundente da sociedade. Todavia, sem jamais descuidar de mostrar ao catequizando, as muitas incoerências de um processo libertador, pura e simplesmente, social, cultural, político, econômico, dentre outros. Este não poderia ser autêntico, caso prescindisse de uma vigorosa libertação interior, a partir da mentalidade de Cristo.

A catequese, além de não afastar os cristãos do compromisso responsável na transformação da sociedade, deve ainda ajudá-los a realizar esta transformação. Para isso, procura iluminá-los acerca do sentido da verdadeira libertação do homem, mostrando a ilusão de uma libertação puramente econômica e social, não acompanhada de uma libertação interior, do pecado e do egoísmo. (OLIVEIRA, 1992, p. 109).

Em suma, uma catequese verdadeiramente libertadora favorece tanto a libertação interior, quanto exterior ao homem. Ela é um vigoroso instrumento de transformação espiritual, intelectual e social. Sua ação faz o destinatário se inserir nas questões sociopolíticas, assumindo sua responsabilidade em prol do bem comum. O que é dever de todo cristão consciente. Daí a importância de se fomentar, estruturar e oferecer uma catequese que proporcione a libertação integral do homem, aos moldes do evangelho de Cristo.

A EDUCAÇÃO PLATÔNICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA CATEQUESE LIBERTADORA

Para alcançarmos nosso intento neste artigo, necessitamos fazer um paralelo entre filosofia da educação e teologia catequética, no fundo, entre razão e fé. No desenrolar da história, muitas vezes estas foram vistas como paradoxais. Todavia, aqui trataremos de ambas como complementares. A partir da correta compreensão de uma e outra, pretendemos colher um conhecimento autêntico e que possa ser utilizado na sociedade e na Igreja atuais. Pois, fé e razão são instrumentos importantes para aqueles que desejam conhecer a verdade plena – que para a religião é Deus. Ele é quem colocou no coração humano a fagulha divina da curiosidade. Ou seja, vontade de conhecer a verdade sobre si mesmo, sobre o mundo que o rodeia e em última instância sobre Deus. Na Carta Encíclica *Fides et Ratio* (FR), sobre a fé e a razão, afirma-se:

A FÉ E A RAZÃO (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de conhecer a ele, para que, conhecendo-o e amando-o, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio [...]. (FR, 2002, p. 5, grifo do autor).

Nesta convicção é que continuaremos nossos esforços. Destarte, quando tomamos a figura de Platão, levando em consideração seu contexto, sua família, a educação recebida, percebe-se que desde tenra infância foi influenciado a se envolver com a política. O próprio afirmou: “Outrora na minha juventude experimentei o que tantos jovens experimentaram. Tinha o projeto de, no dia em pudesse dispor de mim próprio, imediatamente intervir na política.” (PLATÃO, 1996, p. 5).

Seu envolvimento com a vida pública o influenciou de tal maneira, que ao desenvolver seu pensamento, colocou a filosofia como arma de libertação política. Somente por meio desta, uma sociedade justa poderia existir. E mais, caso o governante não fosse filósofo ou vice-versa, jamais os males na vida política poderiam ser extirpados e a felicidade existir na sociedade. No livro V d’*A República* externalizou:

Enquanto os filósofos não forem reis nas cidades, ou aqueles que hoje denominamos reis e soberanos não forem verdadeira e seriamente filósofos, enquanto o poder político e a filosofia não convergirem num mesmo indivíduo, enquanto os muitos caracteres que atualmente perseguem um ou outro destes objetivos de modo exclusivo não forem impedidos de agir, assim, não terão fim [...], os males das cidades, nem, conforme julgo, os do gênero humano, e jamais a cidade que nós descrevemos será edificada. Eis o que eu hesitava há muito em dizer, prevendo quanto estas palavras

chocariam o senso comum. De fato, é difícil conceber que não haja felicidade possível de outra maneira, para o Estado e para os cidadãos. (PLATÃO, 1997, p. 180-181).

Destarte fica evidente, Platão defendeu e propagou por toda a vida algo que no fundo aprendeu dentro de sua casa, no contexto que o circundava, de Sócrates que foi mestre de sua juventude. Claro, com uma pitada fenomenal de brilhantismo e percepção filosófica. Também a pessoa do catequista, em geral, passa pelo mesmo processo de Platão, porém, no que tange a sua vida religiosa. O catequista é alguém que desde o berço respira religião. Nasce numa família praticante da fé católica. Participa das práticas religiosas de sua região, criando expectativas de passar por todos os ritos importantes da mesma como confissão, primeira eucaristia, crisma, casamento, batizado dos filhos, e, assim por diante. Para isso, deve passar primeiro, por um processo catequético longo, sendo formado segundo os princípios da religião. Por fim, acaba assimilando de tal modo o que recebeu, que se percebe impelido a repassar adiante os mesmos ensinamentos nos quais foi formada sua consciência. Torna-se então, com o caráter de missão, catequista.

A partir das influências que recebeu, Platão desenvolveu um sistema filosófico que, basicamente, consiste na distinção entre duas realidades (dois mundos): “Há pois o Mundo das Idéias, transcendente, fora do espaço e do tempo, além do mundo e dos limites do pensamento.” (SCIACCA, 1966, p. 65). Para este mundo devem voltar as almas, presas nos corpos sensíveis como numa tumba. Outrossim a mensagem que o catequista propaga, na essência é uma distinção entre dois mundos, ou seja, este mundo material repleto de imperfeições e a realidade invisível onde tudo é perfeito e para onde desembocarão nossas almas em última instância. Também além do tempo, do espaço e de qualquer pensamento humano.

Para adentrarmos à questão específica da educação platônica e suas contribuições para a Catequese Libertadora, faz-se mister abordar, diretamente, a *Alegoria da Caverna*. Pois, é a partir da educação projetada ao governante-filósofo que poderemos haurir os elementos referências para uma catequese autenticamente libertadora.

O prisioneiro que conseguiu subir até o mundo exterior está situado dentro de um contexto restrito. Encontra-se dentro da caverna e agrilhado juntamente com vários outros. Podemos tomar este grupo de prisioneiros como uma comunidade estabelecida. É a comunidade dos prisioneiros que ali se encontram desde a infância. Da mesma forma que o libertador filósofo sai de uma comunidade específica, também o catequista é alguém inserido dentro de um determinado contexto comunitário. A primeira comunidade é sua família. A partir desta ele

é inserido numa comunidade maior que juntamente com outras formam uma paróquia.²² Ou seja, é a comunidade na qual nasceu, se desenvolveu e despertou para as coisas do alto.²³

Em se falar de coisas do alto, passamos à dura subida pela qual teve que passar aquele que se libertou das correntes até chegar ao alto da caverna, alcançando o mundo exterior. Esta subida é penosa, já que representa o processo do autêntico conhecimento até se alcançar o Mundo das Ideias. Destarte, o “[...] tema do mito da caverna é, em sua dimensão mais profunda, a essência da filosofia [...]” (MARÍAS, 2004, p. 56). Alcançar a inteligibilidade consiste em romper com as opiniões superficiais, conhecendo assim a essência da ideia. É assim que se colhe a verdade. Piètre (1985, p. 37) elucida: “O que nos afasta do apelo da Verdade é o atrativo das certezas fáceis, que derivam do testemunho dos sentidos ou que se inspiram nas opiniões reinantes.”

Aqui encontramos uma grande referência em prol da Catequese Libertadora. Como dissemos anteriormente, a Catequese Libertadora deve possibilitar o desenvolvimento do senso crítico dos catequizandos. Não fazendo dos mesmos, apenas depósito inadequado e inerte de conhecimentos religiosos. Todavia, para que tal aconteça, o catequista deve ser o primeiro a perceber a essência da realidade que o circunda. Tal corresponde a um processo de ascensão do intelecto, ou seja, crescimento pessoal consciente. Neste aspecto é que o catequista deve enriquecer seu gabarito intelectual, por intermédio, das mais variadas áreas que o conhecimento humano oferece. Isto, acrescido aos conhecimentos essências da fé, corresponde ao árduo processo de subida do filósofo até a realidade superior. Ou seja, buscar e conhecer mais, para aprender a enxergar a realidade além da casca imediatamente dada.

Todavia, quanto ao filósofo que atinge a inteligibilidade, não lhe é coerente permanecer definitivamente nas alturas do ser. “[...] a viagem do homem do mito é de ida e volta: o acorrentado, uma vez tendo contemplado o mundo da luz e a liberdade, volta para a caverna. Isto é, vai explicar, a partir das coisas, as sombras, a partir das idéias, a realidade sensível.” (MARÍAS, 2004, p. 56). O instrumento do qual se utiliza na tentativa da libertação interior de seus antigos companheiros é a filosofia. É lógico imaginar que o contemplador das ideias, não

²² O *Documento de Aparecida* (DA) entende a paróquia como “comunidade de comunidades.” (cf. DA, 2007, p. 53). Já o *Código de Direito Canônico* (CDC) assim a define: “Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano.” (CDC, 2002, p. 263). Por sua vez, o *Catecismo da Igreja Católica* (CIC) complementa: “A paróquia inicia o povo cristão na expressão ordinária da vida litúrgica, reúne-o nesta celebração, ensina a doutrina salvífica de Cristo, pratica a caridade do Senhor nas obras boas e fraternas [...]” (CIC, 2000, p. 570).

²³ Na *Bíblia Tradução Ecumênica* (TEB) o apóstolo São Paulo na Epístola aos Colossenses chama aquilo que se refere a Deus como “coisas do alto”. Em contraste com aquilo que se refere aos homens como “coisas da terra.” (cf. TEB, 1994, p. 2296).

queira descer das alturas celestiais. Entrementes, não pode negligenciar sua consciência libertadora.

Encontramos aqui, mais uma importante contribuição da *Alegoria da Caverna* em relação à Catequese Libertadora. Também o catequista é chamado tanto pela espiritualidade, quanto pela capacidade intelectual – consideradas mais elevadas do que a dos catequizandos no que diz respeito à fé –, a descer até o nível dos mesmos. É imperioso se fazer compreender para o bom êxito do processo catequético. Nem sempre isto é fácil. O próprio Agostinho (2005, p. 62), renomado teólogo e filósofo, fez menção a este desafio: “Se nos entristece o fato de que o ouvinte não nos acompanha somos obrigados a descer, de alguma forma, das alturas do pensamento e demorar-nos na lentidão das sílabas... tão longe, tão abaixo!” Contudo, como nosso filósofo e teólogo aludiu, o dever e a consciência libertadora obrigam à descida.

Outra referência que serve muito bem à Catequese Libertadora, mira as ciências necessárias ao processo educacional do candidato a rei-filósofo. Segundo as possibilidades de seu momento histórico, Platão elencou cinco ciências necessárias à formação progressiva do filósofo. Eis a finalidade destas ciências: “Tratar-se-á de operar a conversão da alma de um dia tão tenebroso como a noite para o dia verdadeiro, isto é, elevá-la até o ser.” (PLATÃO 1997, p. 233).

Com o catequista não é diferente. Além dos conhecimentos religiosos que recebeu desde o nascimento, a Igreja recomenda, vivamente, que o catequista seja alguém versado em conhecimentos extra-eclesiais que venham somar à preparação anteriormente estabelecida. Neste aspecto é que as ciências humanas e sociais ganham imensa importância. Áreas como a filosofia, psicologia, sociologia, pedagogia, artes, economia, e outras mais, possibilitam um arcabouço de conhecimentos de grande valia para aquele que deseja empreender uma Catequese Libertadora. Isto ajuda a conhecer e situar o homem no seu devido contexto histórico. Decorrente desta percepção a propagação da Palavra de Deus será mais eficaz.

Percebendo o homem tal como é, na sua devida contextualização histórica, a Catequese Libertadora obterá resultados mais expressivos no processo evangélico-libertador. Tomando, pois, daquelas ciências apresentadas por Platão, uma nos exige cuidado especial, a dialética. A dialética platônica “[...] é a técnica da investigação conjunta, feita através da colaboração de duas ou mais pessoas, segundo o procedimento socrático de perguntar e responder.” (ABBAGNANO, 2007, p. 315). Ela compreende a análise dialogada de uma ideia, que passando por um processo depurativo embasado na verdade, alcança a essência inteligível. Abbagnano (2007, p. 315) atesta que a filosofia para Platão era uma atividade individual, todavia “[...] obra

de homens que ‘vivem juntamente’ e ‘discutem com benevolência’; é a atividade própria de ‘uma comunidade da educação livre’ [...].”

A dialética muito tem a contribuir com o processo catequético libertador. O catequista deve ser alguém aberto e entusiasmado pelo conhecimento dialogado. É de grande relevância possibilitar a devida abertura aos catequizandos, para que possam falar, externalizar suas experiências, percepções e ideias acerca dos assuntos propostos no encontro de catequese. Deixar a pessoa se expressar liberta a mente e a criatividade. Não pensemos, logicamente, que um encontro catequético deveria reproduzir a dialética profunda desenvolvida na academia de Platão. Todavia, do processo dialético deve-se haurir elementos que possibilitem uma catequese interativa e libertadora. Sem dúvida, permitindo que a pessoa se manifeste, seu nível de confiança e de interesse pelos conteúdos catequéticos podem alcançar patamares bem mais elevados.

Outro ponto dentro da educação platônica que oferece contributos à Catequese Libertadora é a busca da permanente formação filosófica, a qual resulta na felicidade. Antes de se alcançá-la, dentro da Callipolis, primeiro Platão esboça todas as etapas pelas quais os candidatos a reis-filósofos necessitariam passar. Com estes no governo, pautados por uma formação permanente, sem jamais abandonar a filosofia, a felicidade estaria salvaguardada, tanto a do povo, quanto a dos governantes. A do povo, por causa do exercício da justiça. A dos reis-filósofos, por terem alcançado a ideia do Bem. Pois, nosso filósofo ateniense “[...] coloca na contemplação das idéias, principalmente, da Idéia do Bem absoluto [...], a felicidade suprema do homem.” (SANTOS, 1957, p. 390).

No que tange à Catequese Libertadora, é fundamental um crescimento permanente por parte do catequista. Para o governante-filósofo isto se dá, fundamentalmente, através da filosofia. Já para o catequista é, sobremaneira, por intermédio da teologia. Até tratamos da importância dos conhecimentos extra-eclesiais para o mesmo. No entanto, o principal deles para um catequista vem da teologia. É a partir da espiritualidade, da reflexão bíblica, das verdades eclesiais, das reflexões dos teólogos é que um catequista será exímio em cumprir sua missão de educador na fé.

Seu processo de aprimoramento teológico será permanente. Todavia, não poderá ser algo puramente teórico. Conclama-se o catequista à interação entre fé e vida, entre teoria e prática, entre contemplação e atuação libertadora. Quanto mais, por meio destas práticas – que foram as mesmas de Jesus –, o catequista conseguir se conectar a Deus, mais feliz ele será em sua prática missionária. Assim como a felicidade do filósofo-rei depende da contemplação do Sumo Bem, a felicidade do catequista e, conseqüentemente, dos seus catequizandos no encontro

catequético, dependerá do grau de união entre o catequista e a pessoa de Deus. Este é o Bem supremo e definitivo para o catequista, já aqui e agora, mas também para a eternidade. Pois da mesma forma que a partir da ideia do Bem se instaura a felicidade na Cidade Modelo, “Deus será toda a delícia e saciedade da Cidade Santa, que viverá nele e dele, sabiamente e com felicidade.” (AGOSTINHO, 2005, p. 110).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após discorrermos sobre todos os assuntos supracitados, concluímos que o ideário pedagógico platônico, esboçado na *Alegoria da Caverna*, apresenta diversificados elementos que muito podem contribuir no processo de construção de uma Catequese Libertadora. Destarte, em vários aspectos pudemos perceber, inclusive, semelhanças bastante próximas entre a educação platônica e a Catequese Libertadora.

A problemática aqui esboçada se mostrou de grande pertinência dentro da questão educacional, sobretudo, no que tange, à educação básica. Ela tocou áreas extremamente caras de nossa sociedade contemporânea, isto é, teologia e filosofia. Entretanto, apesar de todas as abordagens realizadas, entendemos que devido ao ineditismo do assunto, muito ainda pode ser descoberto e aprofundado.

No fundo, nosso desejo é que a partir desta abordagem, outras temáticas em torno deste assunto possam ser desenvolvidas. Tanto o ideário pedagógico platônico, quanto o tema da Catequese Libertadora podem oferecer contributos valiosos, no que tange, à educação e libertação integral do homem. Pois, se o tomarmos na essência, todo ser humano busca algum tipo de libertação, seja espiritual, emocional, intelectual, sociopolítica, dentre tantas outras.

É neste sentido que entendemos o processo de educação básica, como um itinerário que vai além de uma mera educação escolar, a qual, é valiosa, mas que não esgota todas as formas elementares de formação humana. Educação básica significa, o processo pedagógico que estabelece bases educacionais, capazes de moldar crianças e adolescentes para o correto exercício da cidadania, isto, tanto em espaços escolares quanto em espaços não escolares. Atualmente a educação básica escolar brasileira está dividida em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Entrementes, outros segmentos da sociedade brasileira oferecem educação básica, não propriamente escolar, mas que é de suma importância para a edificação de um ser humano mais interpelador, justo, equilibrado e adentrado às questões sociopolíticas de sua realidade existencial. Como negar a importância da educação básica que vem da família, da comunidade social, das religiões, as quais devem ser pensadas “[...] enquanto

um patrimônio cultural e histórico da humanidade, assegurando que alunos e alunas [...] tenham acesso a este patrimônio para sua formação como indivíduos.” (MARTINS, 2013, p. 98).

Uma destas formas de educação básica, em espaço não escolar, é a educação catequética (Catequese Libertadora). Ela é um poderoso instrumento, capaz de educar crianças, adolescentes e adultos, cada vez mais emancipados de si mesmos. Mesmo trazendo consigo os elementos da religião – num aspecto geral –, considerando o ser humano em sua globalidade, a educação na fé forma homens e mulheres mais solidários, generosos, tolerantes às diferenças, inteligentes, criativos, inovadores, conhecedores de seu meio natural e social e abertos aos novos desenvolvimentos desta sociedade em constante mutação.

Por isso enxergamos na mescla entre teoria filosófico-pedagógica e Catequese Libertadora uma possibilidade consistente para a efetuação de uma veraz educação básica, que atente para as autênticas exigências morais, éticas e humanitárias de nossa hodiernidade. A qual, brada, ensurdecidamente, por emancipação e libertação integral do ser humano. Pois, com o advento das novas tecnologias, novas cavernas foram criadas, trazendo consigo formas diversas de agrilhoamentos ao homem contemporâneo.

Frente a tudo isto, é notória a grande desenvoltura que a Catequese Libertadora, haurindo elementos potenciais da *Alegoria da Caverna* de Platão, pode oferecer, sobretudo, à educação básica de Varjão de Minas – a qual serviu de contexto e inspiração deste artigo –, contribuindo com a ação educacional praticada por nossos catequistas, aos quais são confiados crianças e adolescentes para que sejam educados na fé. Destarte, tomando de todos os catequizandos que passaram por nossos processos de educação catequética no ano de 2017, constatamos que mais de oitenta e sete por cento (87,40%)²⁴ estão inseridos também na educação básica escolar. Desta forma, evidencia-se a grande contribuição que uma autêntica Catequese Libertadora oferece à escola, devolvendo à mesma, crianças e adolescentes de mentes mais abertas, mais questionadores, mais críticos, mais criativos, mais bem informados, mais flexíveis, mais íntegros, mais respeitosos para com seus pares, mais equilibrados, enfim, mais preparados para corresponder bem às expectativas das instituições escolares de educação básica.

Em suma, chegamos ao termo deste artigo com a certeza que as libertações aqui propostas se coadunam com a educação libertadora, tantas vezes evocada por diversos pensadores da educação e tão almejada na educação básica brasileira. Sabemos que o processo de libertação integral do homem é um itinerário árduo, porém, totalmente viável e

²⁴ Este percentual foi analisado nos arquivos da Pastoral Catequética da Paróquia Nossa Senhora da Guia correspondente ao ano de 2017 – cidade de Varjão de Minas-MG.

imperiosamente exigido. Destarte, concluímos esta abordagem com o positivo anseio interior, de numa próxima oportunidade retomarmos o assunto na busca de novos desdobramentos que contribuam com a educação e libertação total do ser humano.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210p.

AGOSTINHO, Santo. **A instrução dos catecúmenos: teoria e prática catequética**. Tradução de Maria da Glória Novak. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 143p.

BATISTA, Gustavo Araújo. **O ideário pedagógico platônico n'A República**. Educação Unisinos. 17(1):28-39, janeiro/abril 2013 - doi: 10.4013/edu.2013.171.04

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA – TEB. São Paulo: Loyola, 1994. 2480p.

BRÉHIER, Émile. **História da Filosofia: A Antiguidade e a Idade Média**. Tradução de Eduardo Sucupira Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1977. 210p. 1 v.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000. 934p.

CIDADE-BRASIL. Município de Varjão de Minas. 2017. Disponível em: <http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-varjao-de-minas.html>. Acesso em: 28 dez. 2017.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 839p.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**: sobre a revelação divina. In: Compêndio do Vaticano II. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 119-140. _____ . **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: Compêndio do Vaticano II. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 143-256.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese Renovada**. São Paulo: Paulinas, 2016. 143p. (Documentos da CNBB, 26).

_____. **Diretório Nacional de Catequese**. São Paulo: Paulinas, 2008. 284p. (Documentos da CNBB, 84).

_____. **Instruções sobre a Teologia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1986. 135p. (Teologia da Libertação – Documentos e Comentários, 3).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – NE II. **Em busca de uma Catequese Libertadora**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. 106p.

DICIONÁRIO PRÁTICO DE CULTURA CATÓLICA, BÍBLICA E GERAL. In: Bíblia Sagrada – Edição Ecumênica Barsa. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Barsa, 1972. p. 1-285.

DURANT, Will. **A História da Filosofia**. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Nova Cultural, 2000. 480p. (Os Pensadores).

FRANCA, Leonel. **Noções de História da Filosofia**. 19. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967. 386p. (Obras Completas, 1).

IBGE. Varjão de Minas. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/varjao-de-minas/panorama>. Acesso em: 28 dez. 2017.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 966p.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 309p.

JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio: sobre as relações entre fé e razão**. São Paulo: Paulinas, 2002. 143p. (A Voz do Papa, 160).

KONDER, Leandro. **Filosofia e Educação: De Sócrates a Habermas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2010. 120p. (Fundamentos da Educação).

MARÍAS, Julian. **História da Filosofia**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 598p.

MARTINS, Andréia. O Ensino Religioso nas Escolas Públicas Brasileiras: um olhar histórico para uma questão contemporânea. In: BIOTO-CAVALCANTE, Patricia A.; TEIXEIRA, Rosiley A. (Orgs.). **História da Educação Brasileira**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. p. 79-101. (Pedagogia de A a Z, 6).

QUILLICI NETO, Armindo. **Educação, Justiça e Política na República de Platão**. São Paulo: Altana, 2002. 83p.

OLIVEIRA, Ralfy Mendes de. **Vocabulário de Pastoral Catequética**. São Paulo: Loyola, 1992. 197p.

PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luís. **História da Filosofia**. São Paulo: Melhoramentos, 1993. 589p.

PAPPAS, Nickolas. **A República de Platão**. Tradução de Abílio Queiroz. Lisboa: Edições 70, 1995. 269p. (Guias Filosóficos).

PAVIANI, Jayme. **Platão & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 126p. (Pensadores & Educação).

_____. **Platão & A República**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 71p. (Passo-a-Passo, 28).

PIETTRE, Bernard. **Platão – A República: livro VII**. Tradução de Elza Moreira Marcelina. Brasília: Universidade de Brasília, 1985. 183p.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 352p. (Os Pensadores).

_____. **Diálogos:** Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 191p. (Os Pensadores).

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia:** antiguidade e idade média. São Paulo: Paulinas, 1990. 693p. 1 v.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Manual de Filosofia.** 8. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. 523p.

SCIACCA, Michele Federico. **História da Filosofia.** Tradução de Luís Washington Vita. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1966. 257p. 1 v.

SCOLNICOV, Samuel. **Platão e o problema educacional.** São Paulo: Loyola, 2006. 130p.

SOARES, Antônio Jorge. **Dialética, educação e política:** uma releitura de Platão. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 239p.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. **A educação do homem segundo Platão.** 6. ed. São Paulo: Paulus, 2015. 142p. (Filosofia).

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. **Documento de Aparecida.** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. 309p.

VIGNERON, Jacques Marie Joseph; GOTTLIEB, Liana. **Diálogos sobre educação: ... e se Platão voltasse?** São Paulo: Iglu, 2002. 147p. (A Sociedade Precisa Saber).

APÊNDICE

Logo após o término da leitura de um artigo com temática tão *sui generis*, a seguinte pergunta pode não se calar na mente do leitor: “Mas, ao fim e ao cabo, que aplicabilidade este artigo científico tem na vida de seus destinatários?” Sem sombras de dúvidas, foi a pergunta instigadora, a qual nos motivou e nos empurrou em todos os instantes da redação do presente artigo até seu arremate final.

Quando falamos de produção acadêmica, quase instantaneamente, vem a sensação de algo desassociado da concretude existencial. Entrementes, quando este constructo nasce de um contexto específico que clama por mudanças, a teoria se torna apenas o ponto de partida para grandes edificações, pois grandes caminhadas iniciam-se ainda não âmbito da ideia, antes de empreender-se o primeiro passo.

Com nosso artigo não foi diferente. A ideia está estruturada, agora vem o desafio da materialização. Por meio deste artigo, intentamos, futuramente, produzir um material didático que possa ser aplicado na formação dos catequistas (educadores em espaços não escolares) da cidade de Varjão de Minas-MG. Destarte, vislumbramos a confecção de possíveis produtos que ofereçam vida empírica às ideias esboçadas no artigo. Dentre os vários materiais didáticos que possam vir a tomar forma, tendemos, mais direcionadamente, à produção de uma cartilha, a qual possa ser aplicada com os catequistas. Contudo, não descartamos a hipótese da elaboração de um folder formativo, e, quiçá, o desenvolvimento de um livro.

Por fim, sabemos que os sonhos não se materializam no sono, mas na vigília e regados com muito suor. Desta forma, pretendemos tão logo nos seja possível, lançar mãos à obra, e trabalhar para que este sonho se torne realidade, pois em tudo aquilo que iniciamos um labor, não deixando de lado a persistência ungida no suor, indubitavelmente, alguma hora virá o termo final. Em suma, agora inicia-se o desafio de trazeremos o artigo do mundo de nossas ideias, para o mundo empírico, ou seja, da prática.